

FAO, PMA e parceiros na luta contra a fome

Ensaaiadas novas formas de combate à desnutrição crónica



A desnutrição crónica continua sendo um dos principais problemas de saúde pública, em Moçambique, e dados do Ministério da Saúde indicam que cerca de 43% da população está afectada por este mal, enquanto os do Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar indicam que cerca de 1,4 milhão de pessoas estão em situação de insegurança alimentar aguda.

Nesta semana, o Representante do Fundo das Nações Unidas para a Agricultura (FAO), em Moçambique, Castro Camarada, revelou que a sua organização, em parceria com o governo e outras Organizações Não-Governamentais, está a ensaiar duas novas formas para se fazer face ao problema. "A primeira é uma abordagem

conjunta sobre este mal, em que envolvemos três componentes de trabalho (educação nutricional, mudança de comportamento e de hortas caseiras). A segunda inovação é a introdução de senhas electrónicas, que facilita a aquisição de alguns inputs (sementes e fertilizantes melhorados), na qual o produtor também comparticipa", explicou. Falando na manhã desta quarta-feira, em Maputo, numa conferência de imprensa alusiva às comemorações do Dia Mundial de Alimentação, que se assinala no próximo domingo (16 de Outubro), Castro Camarada avançou que o primeiro projecto está sendo desenvolvido nas províncias de Sofala e Manica, no centro do país, envolvendo oito mil famílias, enquanto no segundo, o subsídio varia entre os 30% (mais vulneráveis) e 50% (pequenas em-

presas), porém, não sem avançar valores concretos. Neste ano, o país foi assolado pela seca, na zona sul, que só em Gaza e Inhambane afectou cerca de 140 mil pessoas, e pelas cheias na zona norte, que atingiram mais de 20 mil pessoas. Esta situação, agravada pela retirada do financiamento externo ao Orçamento de Estado, devido à descoberta de uma dívida de USD 1,4 mil milhões e a crise político-militar, provocou a escassez de alimentos, subida galopante de preços e consequentes bolsas de fome. Intervindo no evento, a Representante e Directora Nacional do Programa Mundial da Alimentação, em Moçambique, Karin Manente, afirmou que aquela organização está a dar uma resposta positiva ao problema e, em Setembro passado, apoiou 800 mil pessoas, em assis-

tência alimentar. Embora as metas mundiais apontem 2030 como o ano zero para a fome, a nossa fonte adiantou que, para o caso moçambicano, não é possível fazer previsões porque a população cresce de forma desproporcional. "Mas, observa-se que Moçambique passou, nos últimos 15 anos, de uma insegurança alimentar que rondava nos 50% para 25%", sublinha. A outra forma encontrada para o combate da desnutrição crónica é a fortificação dos alimentos e o potenciamento das pequenas moageiras. O 16 de Outubro deste ano é comemorado com o lema "O clima está mudando. A alimentação e a agricultura também" e tem como objectivo consciencializar as pessoas sobre este fenómeno, que afecta

os sectores produtivos (agricultura, pecuária e pesca), base de sustento de cerca de 70% da população moçambicana. Depois do El Niño, Camarada diz haver necessidade de se produzir alimentos de forma sustentável e, para tal, é preciso que se adapte os sistemas de produção às mudanças climáticas. "Temos de utilizar sistemas que têm uma carga de carbono mais baixa; sistemas que levem à emissão de gás estufa mais baixa para mitigar o impacto que essas mudanças têm", considera. A fonte acrescenta ainda que a FAO está a desenvolver um programa relacionado às mudanças climáticas, promovendo abordagens agro-ecológicas (evitar o desflorestamento, fazer melhor conservação da água, etc.).

Abilio Maolela